

PROGRAMA DE RÁDIO “MENTES E VERTENTES”: UMA EXPERIÊNCIA EM REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL

“Minds and sheds” radio program: an experience in psychosocial rehabilitation

Bruna Camila Schuhardt¹
Alessandra Maria de Sousa²

Resumo: A contemporaneidade tem mostrado novos rumos a serem trilhados para a reabilitação psicossocial, através de atividades artísticas e culturais. O presente artigo se propõe a relatar a utilização de um programa de rádio como uma experiência de reabilitação para os usuários da rede de atenção psicossocial. O programa de rádio Mentos e Vertentes é produzido e apresentado por usuários do Centro de Atenção Psicossocial de Blumenau/SC e está no ar há oito anos, através de uma parceria com a Rádio Comunitária Fortaleza, 98.3 FM, como uma estratégia de promoção de saúde através da inclusão social, da comunicação, do aumento da autoestima e do empoderamento dos usuários.

Palavras-chave: Saúde mental. Reabilitação psicossocial. Inclusão social. Promoção de saúde.

Abstract: The contemporary world has shown new directions to be followed for psychosocial rehabilitation, through artistic and cultural activities. This article intends to report the use of a radio program as a rehabilitation experience for users of psychosocial care network. The radio program Minds and Sheds is produced and presented by members of the Psychosocial Care Center of Blumenau/SC, on air for 8 years, through a partnership with the Radio Comunitária Fortaleza, 98.3 FM, as a health promotion strategy through social inclusion, communication, increased self-esteem and empowerment of users.

Keywords: Mental health. Psychosocial rehabilitation. Social inclusion. Health promotion.

Introdução

O programa de rádio Mentos e Vertentes é uma produção dos usuários da rede de atenção psicossocial do município de Blumenau/SC. O programa está no ar desde 2008, através de uma parceria com a Rádio Comunitária Fortaleza, e é transmitido ao vivo uma vez por semana.

A ideia do grupo surgiu da necessidade de melhorar a comunicação, e a formação de ideias dos usuários começou como oficina gravada em fita cassete dentro do Centro de Atenção Psicossocial II de Blumenau (destinado ao tratamento de pessoas com transtornos mentais). Após um convite por parte da rádio, a oficina se tornou um programa que hoje alcança o bairro Fortaleza, em Blumenau, considerando que a rádio, por ser comunitária, tem uma abrangência limitada. Ter este programa no ar tem sido uma grande conquista para os usuários da rede de atenção psicossocial, pois além dos objetivos iniciais de comunicação e formação de ideias, que estão sendo possíveis, também estão tendo a oportunidade de mostrar à sociedade suas capacidades.

Este artigo se propõe a apresentar uma experiência possível de reabilitação psicossocial através de um programa de rádio. Assim, para compreender melhor, será apresentado de forma breve o que é um Centro de Atenção Psicossocial, qual sua função na sociedade, a sua ligação com o programa de rádio, bem como a importância deste campo de estágio em Serviço Social no município de Blumenau/SC.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Assistente social, supervisora de Campo de Estágio da acadêmica no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS em Blumenau-SC.

Breve contextualização da reforma psiquiátrica e o surgimento dos centros de atenção psicossocial

Os Centros de Atenção Psicossocial surgiram como uma resposta à reforma psiquiátrica, que foi um movimento de luta e denúncia dos trabalhadores dos hospitais psiquiátricos, sendo que até aquele momento todo e qualquer indivíduo que não se enquadrava nos padrões do que era considerado correto pela sociedade naquela época estava sujeito a este tratamento, que era o asilamento e o afastamento da sociedade, das suas famílias, muitos entravam em um manicômio e eram abandonados pelas famílias, passando a sua vida inteira lá.

Segundo Amarantes (1994), o movimento dos trabalhadores em saúde mental se mobilizou na década de 80 em busca da discussão sobre a loucura, a psiquiatria e seus manicômios, levantando o lema “por uma sociedade sem manicômios” e discutindo a adoção de experiências de desinstitucionalização, ou seja, de um novo lugar para tratar a doença mental que não fosse a internação no hospital psiquiátrico.

Foi um longo processo de luta e conquistas legais que possibilitaram a criação dos dispositivos de cuidado e tratamento que existem hoje: os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Os CAPS são os dispositivos substitutivos aos hospitais psiquiátricos, são um serviço de saúde aberto e comunitário pertencente ao SUS (Sistema Único de Saúde).

Ele é um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida (BRASIL, 2004, p. 13).

Os Centros de Atenção Psicossocial ofertam um atendimento humanizado, em meio aberto, objetivando a reinserção social e respeitando as características individuais de cada um, através de um plano terapêutico individual, em que cada usuário toma seu medicamento e frequenta as atividades compatíveis com a sua necessidade.

O objetivo dos CAPS é oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitário (BRASIL, 2004, p. 13).

Este acompanhamento é realizado através de atendimentos individuais, atendimentos à família dos usuários, bem como através de grupos terapêuticos, de artesanatos, atividades manuais, de geração de renda, diversas atividades que possam proporcionar, aos usuários deste serviço, promoção de vida, reinserção social, fortalecimento de vínculos.

As práticas realizadas no CAPS são em meio aberto, ou seja, o usuário não fica internado como ocorria anteriormente nos hospitais psiquiátricos, ele tem a liberdade de ir e vir. Os projetos, muitas vezes, ultrapassam a estrutura física, buscando práticas inseridas na cidade, no bairro, na comunidade, focando o sujeito em sua singularidade, subjetividade, sua cultura e a vida cotidiana (BRASIL, 2004).

Um exemplo exitoso de atividade desenvolvida na comunidade é o Programa de Rádio Mentes e Vertentes, que saiu do CAPS II de Blumenau, rompendo as suas barreiras físicas e se inserindo na comunidade. O CAPS do tipo II, segundo Brasil (2011), é a modalidade que atende ao tratamento de transtornos mentais para municípios acima de 70 mil habitantes, segundo a Portaria 3.088/2011, que regulamenta a rede de atenção psicossocial.

Do nascimento da ideia à concretização do grupo

O Programa de Rádio “Mentes e Vertentes”, assim denominado através da escolha dos próprios locutores, é transmitido ao vivo todas as segundas-feiras das 14h às 15h, na Rádio Comunitária Fortaleza, 98.3 FM. De acordo com Sousa (2011), é um programa elaborado e desenvolvido por usuários da rede de atenção psicossocial do município de Blumenau, o programa surge a partir de uma oficina realizada no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) de Blumenau, que começou em 2005, em que os usuários simulavam estar em um programa de rádio e faziam uma gravação em uma fita cassete.

Na época, o objetivo deste grupo era trabalhar a questão da comunicação e a formação de ideias e opiniões dos usuários. Em 2008, o CAPS recebeu um convite da Rádio Comunitária Fortaleza para transmitir o programa, e desde então está no ar sob a orientação da assistente social do CAPS II (SOUSA, 2011, p. 4)

Dinâmica do programa de rádio: “Mentes e Vertentes”

Atualmente, o grupo também contempla os usuários do CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial destinado ao atendimento de pessoas com dependência de álcool e outras drogas), bem como a assistente social do mesmo, R. M.

O programa segue uma dinâmica de entrevistas, em que são convidadas pessoas que possam trazer assuntos de importância para os usuários, assim como assuntos de interesse comum para a comunidade local e a sociedade, como alguns recentes, sobre feminismo e a lei do feminicídio, sobre os ciclistas, seus direitos e deveres e mobilidade urbana, educação para o trânsito, redução da maioria penal, entre outros assuntos.

Em todos os programas não existe uma pauta de perguntas preestabelecidas, todas são elaboradas na hora pelos usuários. Alguns entrevistados são convidados a pedido deles; entretanto, muitas vezes, eles ficam sabendo do assunto do programa pouco antes de entrar no ar e todos têm a liberdade de fazer perguntas. Em meio às entrevistas, também são tocadas músicas escolhidas por eles e, às vezes, oferecidas a amigos e familiares. O ambiente é descontraído e o programa é transmitido ao vivo. Portanto, nada do que os locutores e os entrevistados falam ou perguntam sofre alteração.

Conquistas e resultados

O programa é uma forma de empoderar os seus usuários participantes. Na perspectiva de Vasconcelos (2003, p. 20), o “Aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, sofrem dominação e discriminação social”.

Ao longo da participação no grupo, é possível perceber a mudança de postura dos usuários, pois, à medida que eles vão participando dos programas, vão se soltando, sentindo firmeza de falar ao microfone, inclusive para improvisos em casos de imprevistos, inclusive na falta de entrevistados, principalmente pelo fato de o programa ser transmitido ao vivo. Através das entrevistas se tem a oportunidade de receber pessoas que podem trazer informações sobre determinados assuntos, dando oportunidade ao debate e à formação de ideias e opiniões dos usuários.

Ao articular estrategicamente arte, comunicação e saúde mental e ter como “horizonte ético” o respeito à diversidade, à diferença e à liberdade, muito vem contribuindo com

o avanço do processo de reforma, ampliando as possibilidades de participação e intervenção na cultura e, por conseguinte, a produção de novos sentidos sobre a loucura, facilitando sua reinserção na rede complexa e dinâmica de trocas sociais, políticas, econômicas e simbólicas (CALICCHIO, 2007, p. 18).

O grupo, enquanto formação de ideias e opiniões, em nenhum momento impõe algo aos seus participantes. A importância de entrevistas com assuntos atuais relevantes para a sociedade como um todo, como, por exemplo, o tema da diminuição da maioria penal, parte do conhecimento que o entrevistado traz, podendo os locutores escutar, debater e tirar suas conclusões.

Através do programa, os usuários são colocados em destaque, proporcionando o aumento da sua autoestima. Eles são os protagonistas naquele espaço onde não tem mais usuários e profissionais, todos são locutores, todos possuem direito a falar, expressar-se e perguntar.

O foco dos programas são assuntos de interesses deles, e também relevantes aos ouvintes, mas não focados apenas nos transtornos mentais, e sim na promoção deles como sujeitos, como qualquer sujeito composto de potencialidades e fragilidades, conquistas e derrotas, o que possibilita também desconstruir a imagem do ‘louco’ na sociedade, não só através dos ouvintes da rádio, como também os que são convidados para entrevistas, que estão tendo a oportunidade de conhecer o trabalho de pessoas que anteriormente eram tachadas de incapazes de produzir e se socializar, podendo desmistificar essa ideia e transmitir esse novo olhar a outros núcleos aos quais pertençam, pois eliminar este estigma é uma luta constante.

Vasconcelos (2003) nos traz a possibilidade de transformação do estigma e dependência na relação com a loucura e o louco na sociedade por meio de atividades cotidianas permanentes, tanto individuais como coletivas, mas de caráter cultural, social e artístico, que possibilitem promover a pessoa vista como louca, na comunidade, na mídia e na sociedade de forma ampla, no empenho da mudança das atitudes discriminatórias.

Nesta perspectiva, uma das conquistas do programa de rádio como reabilitação psicossocial é o fato deste acontecer na comunidade, em um bairro de Blumenau, fora do CAPS, promovendo de fato a reintegração social dos usuários, o acesso à cidade, à liberdade de ir e vir, que já é uma luta da reforma psiquiátrica. “Esta implica não apenas um processo de desospitalização, mas de invenção de práticas assistenciais territoriais; um processo prático de desconstrução dos conceitos e das práticas psiquiátricas” (AMARANTE, 1994, p. 80).

Muitas vezes, na prática do dia a dia, alguns usuários acabam apenas indo de casa para o CAPS e do CAPS para casa, por isso são tão importantes as atividades desenvolvidas fora dele, para que aos poucos os usuários possam se empoderar e ser mais independentes. Hoje os participantes do programa vão sozinhos para a rádio, apenas alguns do CAPS ainda se utilizam do acompanhamento de um profissional, pela condição de estarem em tratamento para álcool e outras drogas e se sentirem mais confiantes na companhia do profissional. Esta independência também se reflete na autonomia que eles passam a ter até para lutar pelos seus direitos, pois o programa, através das entrevistas, traz muita informação sobre cidadania, bem como sobre direitos e deveres.

Mello (2001) acredita que a oficina de rádio é um importante espaço terapêutico para o tratamento das pessoas com transtornos mentais, pois facilita a comunicação e as relações interpessoais, a produção, a criatividade, é onde elas podem expressar seus sentimentos, ressignificar suas histórias de vida e o seu sentido.

Desafios

Um desafio encontrado inicialmente pelo grupo, e certamente é o motivo pelo qual não

se tem tantas experiências desse tipo, é o acesso aos meios de comunicação, neste caso as rádios. Como citado por Sousa (2011), em seu artigo sobre o programa, já havia um interesse em busca por uma parceria para a produção de um programa de rádio. No entanto, as rádios comerciais não tiveram interesse, pois sua programação é construída a partir do interesse dos seus anunciantes.

Hoje o Programa de Rádio “Mentes e Vertentes” é possível através da parceria com a Rádio Comunitária Fortaleza, e pelo fato de esta ser comunitária, tem uma abrangência limitada, o que acaba limitando também os resultados na sociedade.

Registros de experiências exitosas de programas de rádio em saúde mental

Muitas são as experiências exitosas de reabilitação psicossocial, de atividades artísticas, culturais de sociabilidade e reinserção.

O novo paradigma para o cuidado da pessoa em sofrimento psíquico vem apresentando inúmeras experiências exitosas na inserção social do usuário pela via da arte, da cultura e do trabalho; esses instrumentos apresentam um passo importante para a emancipação e autonomia dos usuários da rede de atenção psicossocial. Podemos citar diversas experiências em que a música, a pintura, a dança, enfim, a arte e o trabalho, puderam contribuir para a subjetivação do usuário de saúde mental, possibilitando outras formas de sociabilidade (MACHADO, 2014, p. 17).

A proposta de olhar para o caminho da reabilitação psicossocial através da arte, da cultura e do trabalho tem proporcionado resultados positivos. Para conhecimento, serão apresentadas experiências de outros programas de rádio desenvolvidos com usuários da saúde mental.

Programa de rádio Maluco Beleza

O programa de rádio Maluco Beleza é uma experiência dos usuários do Serviço de Saúde de Dr. Cândido Ferreira, em Campinas, no interior de São Paulo. Segundo Fachini (2008), o programa é totalmente produzido pelos usuários, desde a pauta à edição e transmitido através de uma parceria do Cândido Ferreira com a Rádio Educativa FM 101,9 Mhz, que pertence à prefeitura. O programa vai ao ar uma vez por mês, e acredita-se que a rádio pode ser um instrumento de resgate à cidadania de grupos excluídos da sociedade. “Pela primeira vez esses pacientes falam, em um meio de comunicação, de suas vidas, seus problemas, suas potencialidades e conquistas, sem interferência do jornalista profissional” (FACHINI, 2008, p. 5).

Esse espaço da mídia que está sendo ocupado é então considerado por Fachini (2008) como uma dívida social sendo paga, considerando que a mídia sempre foi um instrumento utilizado para difundir o preconceito, veiculando a imagem do usuário da saúde mental como louco, impotente, um ser que não poderia se socializar.

Hoje, a comunicação no Cândido é entendida como fonte de poder, de direitos, cidadania, liberdade, como instrumento de mobilização social, de construção e reconstrução de identidade, como produtora de sentido através da afetividade, de ampliação de possibilidades pessoais e coletivas, tudo isso formando um conceito mais amplo de reabilitação psicossocial (FACHINI, 2008, p. 9).

O programa de rádio Maluco Beleza, como outros aqui descritos, tem contemplado aos seus locutores aquilo que propõem os serviços de saúde substitutivos aos hospitais psiquiátri-

cos, mas que, às vezes limitados à sua estrutura física, não conseguem efetivar.

Papo-cabeça: oficina de rádio

O papo-cabeça é uma experiência de oficina de rádio em saúde mental, realizada em Santa Cruz de Sul (RS), através de uma parceria do CAPS com a universidade da cidade. “A oficina é ministrada no laboratório de Rádio do Curso de Comunicação Social da UNISC” (MELLO, 2001, p. 5) e foi desenvolvida com base em três fundamentos:

O rádio como espaço a ser ocupado por grupos sociais excluídos, isso devido às características próprias do veículo; o segundo diz respeito à importância da comunicação comunitária, visando à promoção da cidadania e da sociabilidade de um grupo que ainda luta contra o preconceito social; o terceiro traz elementos que apresentam as oficinas como um espaço terapêutico para os portadores de sofrimento psíquico que rompa com o modelo asilar de tratamento da loucura (MELLO, 2001, p. 1).

Todos os fundamentos são importantes, pois remetem às reivindicações e às conquistas da Reforma Psiquiátrica, que objetivam a inclusão, as relações sociais, a participação social e o exercício da cidadania.

De acordo com Fortuna (2013, p 21), “o contexto da reforma deu abertura a novas formas de cuidado para com o portador de transtorno mental, que não se resumissem apenas à internação”; as novas estratégias buscam a inserção social através de atividades de cunho artístico, cultural e comunitário, com destaque para as oficinas terapêuticas psicossociais.

Quanto aos resultados conquistados e percebidos na oficina, Mello (2001) aponta que os encontros são um espaço favorável à socialização, os participantes desenvolveram habilidades de comunicação que foram perceptíveis na evolução da locução nas entrevistas. Já com relação a criar uma consciência na comunidade sobre o movimento de saúde mental e as capacidades da pessoa com sofrimento psíquico, não é possível mensurar, pois não houve nenhuma pesquisa, mas se subentende que houve retornos, pelo fato de o programa ir ao ar em uma rádio comercial.

As experiências aqui citadas foram utilizadas para ampliar o debate acerca da questão da reabilitação psicossocial através de atividades como os programas de rádio. Ainda são poucos os registros de experiências assim, certamente em virtude do acesso aos meios de comunicação, que normalmente visam ao lucro e programas mais comerciais possíveis, não abrindo espaço para desenvolver atividades como esta.

A importância do campo de estágio: possibilidades de conhecimento, reconhecimento, processo de ensino e aprendizado

O Serviço Social nas instituições em que existem campos de estágio visa a garantir direitos sociais aos usuários. Assim, neste contexto, o estagiário torna-se conhecedor da realidade, compreendendo a relação teoria/prática, e com o supervisor de campo – assistente social – aprende a intervir na problemática das demandas existentes, expressões sociais da questão social, neste caso especificamente os transtornos mentais.

O Estágio Supervisionado Curricular, além de contribuir para a formação profissional, complementa o processo de ensino/aprendizagem, sendo uma exigência do currículo do Curso de Serviço Social, tendo a orientação da supervisora de campo, proporcionando ao acadêmico conhecimento e apoio nos trabalhos desenvolvidos.

Para melhor compreensão do conceito de estágio presente na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e também na legislação específica, é oportuno recuperar algumas das expressões já utilizadas na Lei Federal nº 6.497/77 para caracterizar essa atividade de estágio supervisionado, que descrevia como “complementação do ensino e da aprendizagem”; “instrumento de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural-científico e de relacionamento humano”; “participação [...] em empreendimentos ou projetos de interesse social”. No entanto, aprimorou-se o entendimento da matéria utilizando fundamentalmente expressões como: “atividades de aprendizagem social, profissional e cultural”; “participação em situações reais de vida e de trabalho, de seu meio”; “procedimentos didático-pedagógicos [...] de competência da instituição de ensino” em parceria com “pessoas jurídicas de direito público e privado” cedentes de “oportunidades e campos de estágio”, como colaboração no processo educativo (MEC, 2011 apud PIERITZ; MONTIBELLER, 2011, p. 64).

Neste contexto, o estagiário torna-se conhecedor da realidade, compreendendo a relação teoria/prática, num processo de reflexão, partindo de sua própria experiência de vida, estudo, prática.

No que diz respeito à definição do estágio, a legislação federal brasileira (2008, web), Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, descreve em seu art. 1º que o estágio “é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior [...]” (PIERITZ; MONTIBELLER, 2011, p. 64).

O trabalho de observação e o levantamento de demandas contribuíram para o conhecimento das expressões da questão social, aqui enfatizada como a saúde mental. No levantamento de demandas, com a utilização dos instrumentais de pesquisa social, registrando e analisando todas as atividades no diário de campo, podemos analisar e refletir constantemente sobre a problematização e a compreensão de uma experiência de estágio sob orientação, análise e assinatura do supervisor de campo, bem como do professor tutor/orientador pedagógico que nos proporciona a segurança necessária.

No campo de estágio, o assistente social-supervisor de campo é o profissional de extrema importância e merece todo o nosso apreço, pois é o responsável pelo acompanhamento de todos os nossos passos, atividades pretendidas, fazer, agir, pensar etc.

A partir dos elementos de pesquisa, resultado da observação e análise realizadas no campo de estágio, podemos realizar com o supervisor de campo o desenvolvimento do projeto de intervenção articulado à discussão teórico-metodológica e à utilização do instrumental técnico-operativo do Serviço Social, pertinente às necessidades sociais identificadas. Assim identificados as estratégias e os objetivos de intervenção profissional, temos como formular o referido projeto.

Para poder intervir junto à população usuária do campo de estágio, a orientação do supervisor de campo é de extrema importância, visto que colocar em prática um conjunto de técnicas e habilidades profissionais, no sentido de efetivar seu exercício profissional junto a indivíduos, grupos, não é algo tão simples assim; atender às demandas, com o uso do devido instrumental técnico-operativo da profissão não é tarefa simples, tampouco fácil, pois exige dedicação, competência, estudo, análise, cuidado, respeito, ética, entre outras inúmeras questões.

[...] o estágio supervisionado possui uma dimensão socioeducativa muito maior do que se imagina, não é apenas uma simples aprendizagem ou treinamento profissional,

mas engloba diversas faces e oportunidades. O estágio não pode ser considerado apenas como uma oportunidade de “treinamento em serviço”, no sentido tradicional do termo, uma vez que representa, essencialmente, uma oportunidade de integração com o mundo do trabalho, no exercício da troca de experiências, na participação de trabalhos em equipe, no convívio socioprofissional, no desenvolvimento de habilidades e atitudes, na constituição de novos conhecimentos, no desenvolvimento de valores inerentes à cultura do trabalho, bem como na responsabilidade e capacidade de tomar decisões profissionais, com crescentes graus de autonomia intelectual, portanto as dimensões do social, do profissional e do cultural também constituem a essência do conceito de estágio supervisionado.

Acredita-se realmente no estágio em SES como um processo educativo e reflexivo de ensino-aprendizagem, que envolve a supervisão pedagógica, o conhecimento do acadêmico e o acompanhamento do profissional *in loco* e que consequentemente desenvolve em todos os envolvidos um comprometimento com um projeto político-pedagógico e de corresponsabilidade social na busca da qualidade dos serviços prestados aos usuários de direitos (MEC, 2001 apud PIERITZ; MONTIBELLER, 2011, p. 68).

Nesse sentido, percebemos que o estágio é de extrema importância, sendo um espaço de aprendizado e um processo de comprometimento e “[...] que se inicia, desenvolve-se e se transforma por toda uma vida profissional. Assim, a principal função da prática de estágio é fazer com que o sujeito-educando se confronte com as questões e dilemas de sua profissão no dia a dia” (PIERITZ; MONTIBELLER, 2011, p. 68).

Considerações finais

O Programa de Rádio “Mentes e Vertentes” tem sido uma experiência possível de reabilitação social, é um espaço de discussão e formação de ideias, de fortalecimento de vínculos entre os participantes. A prova e o retorno disso vêm através da fala de um dos locutores (PC, 2015) que participam do programa, em que afirma:

É uma satisfação poder participar na rádio, porque, além de em cada programa Mentes e Vertentes podermos debater assuntos de interesse de nossos ouvintes, nos sentimos mais perto da comunidade que nos acompanha e também amizades com os membros da rádio comunitária, é muito bom.

Este é um espaço de protagonismo dos usuários, de novos papéis sociais em que eles não são mais usuários, e sim locutores. Uma conquista importante também é a desconstrução da imagem do “louco” na sociedade e a quebra de estigmas e preconceitos.

É possível perceber a transformação dos usuários com relação à melhora da comunicação, o sentimento de participação de uma rádio e de pertencimento. Um dos relatos é de um locutor que diz ter “muito prazer em participar da rádio, porque podemos entrevistar várias pessoas de vários segmentos da sociedade”. Outro locutor afirma ser “muito gostoso estar na rádio, porque temos a oportunidade de debater novos assuntos da comunidade toda semana”.

De forma geral, o sentimento dos locutores, quando falam na rádio seus depoimentos, sempre é em torno da alegria de fazer um programa de rádio, de estar nesse espaço em que nunca imaginaram dele fazer parte, de entrevistar pessoas, de aprender algo com as entrevistas e com a interação com seus colegas.

Como enfatizam as professoras do Curso de Serviço Social, Pieritz e Montibeller (2011, p. 70), também compactuo com esta perspectiva: “Acredita-se que em qualquer lugar e espaço pode-se proporcionar a transformação de vidas que carecem de significados, porém são neces-

sários a qualificação profissional e o comprometimento sociopolítico e ético de cada assistente social.”

Portanto, o objetivo do presente artigo foi o de relatar e registrar a experiência do Programa “Mentes e Vertentes”, que tem se mostrado eficaz em sua proposta de reabilitação em saúde mental e, conforme as possibilidades, é um exemplo a ser adotado em outras cidades e em outros dispositivos como promoção de saúde, bem como ao CAPS, espaço de ensino, aprendizado e enriquecimento pessoal e profissional, instituições que são e serão parte da minha história de vida.

Referências

AMARANTE, Paulo (Coord.). **Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: FRIOCRUZ, 1994.

BRASIL. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Diário Oficial União. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/dr_drogadicao/dr_legislacao_drogadicao/Federal_Drogadicao/Portaria%20n%C2%BA%203088-2011%20-%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 30 maio 2015.

_____. **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, 2004.

CALICCHIO, Renata Ruiz. **Vinte Anos de Luta Antimanicomial no Brasil: arte e comunicação como estratégia de participação e transformação social no contexto da reforma psiquiátrica**: ECO-PÓS – v. 10, n. 1, janeiro-julho, 2007, pp.13-21.

FACHINI, Fabiano. **Maluco Beleza: como é, na prática, a produção de um programa feito por usuários da saúde mental**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1488-1.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

FORTUNA, Danielle Barros Silva. **O Papel do Rádio no Campo da Saúde no Contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira**: Estudo de Caso da Web-rádio Revolução FM. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/xmlui/bitstream/handle/icict/7089/Danielle%20Barros.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 maio 2015.

MACHADO, Maria Lúcia Teixeira (Org.) **Relatos de experiências em inclusão social pelo trabalho na saúde**. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2014.

MELLO, Veridiana Pivetta. **Papo-cabeça: a experiência de uma oficina de rádio para usuários de serviços de saúde mental**. Anais do 24 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/10642188878>>

3102963036477010951290221552.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

PIERITZ, Vera Lúcia Hoffmann; MONTIBELLER, Cristiana. Estágio supervisionado em serviço social na educação superior a distância no Brasil. **Revista Maiêutica Bacharelado em Serviço Social**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – GRUPO UNIASSELVI. v. 1 n. 1 - jun./dez. 2011. Indaial: UNIASSELVI, 2011. p. 63-70.

SOUSA, Alessandra Maria de. **Programa de Rádio “Mentes e Vertentes”**: as experiências dos usuários do CAPS II de Blumenau. Maringá-PR: Revista Eficaz, 2011.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **O poder que brota da dor e da opressão**: Empowerment, sua história, teorias e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.